

Revisão sistemática de estudos sobre a contação de histórias (*storytelling*) como facilitadora da aprendizagem no ensino fundamental

Systematic review of storytelling studies as a facilitator of learning in elementary school

Revisión sistemática de estudios sobre la cuenta de historias (*storytelling*) como facilitador del aprendizaje en la enseñanza fundamental

Maria Lúcia Wilwert - Universidade Federal de Santa Catarina
Luciane Maria Fadel - Universidade Federal de Santa Catarina
Cristiano José Castro de Almeida Cunha - Universidade Federal de Santa Catarina
Solange Maria da Silva - Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Contar histórias é uma forma de transmissão de conhecimento utilizada antes mesmo da invenção da escrita. Uma boa história é capaz de prender a atenção e criar uma conexão emocional com quem a ouve. Nos dias atuais, em que o acesso à informação está cada vez mais presente, tornar as aulas interessantes torna-se um desafio. Assim, trazer contextos para os conteúdos mostra-se fundamental para o ensino. A contação de histórias (*storytelling*) pode ser utilizada de diversas formas, seja no ensino do conteúdo de disciplinas específicas ou, até mesmo, como forma de promover a socialização entre estudantes. Neste contexto, o artigo apresenta os resultados de uma revisão sistemática da literatura, na base de dados Scopus, sobre contação de história no ensino fundamental I, que constatou a efetividade do uso do *storytelling* nas diversas frentes pesquisadas, tanto no formato tradicional quanto no digital. Os resultados revelam que este tem sido um assunto pesquisado internacionalmente, porém com poucas ocorrências no Brasil, o que aponta para a importância da ampliação de pesquisas sobre a contação de histórias, já que sua prática contribui com a melhoria da aprendizagem na educação, em especial, no ensino fundamental.

Palavras-chave: contação de histórias (*storytelling*); aprendizagem; ensino fundamental

ABSTRACT

Storytelling is a form of transmission of knowledge used even before the invention of writing. A good story can hold attention and create an emotional connection with the listener. Nowadays, when access to information is increasingly present, making classes interesting becomes a challenge. Thus, bringing contexts to content is fundamental to teaching. Storytelling can be used in a variety of ways, either in

teaching the content of specific subjects or even as a way to promote socialization among students. In this context, the article presents the results of a systematic review of the literature, in the Scopus database, on storytelling in elementary school I, which verified the effectiveness of the use of storytelling on the various fronts researched, both in traditional and in digital format. The results show that this has been a subject researched internationally, but with few occurrences in Brazil, which points to the importance of the expansion of researching storytelling, since its practice contributes to the improvement of learning in education, especially in elementary school.

Keywords: storytelling; learning; elementary school

RESUMEN

Contar histórias es una forma de transmisión de conocimiento que se usa incluso antes de la invención de la escritura. Una buena historia puede llamar su atención y crear una conexión emocional con el oyente. Hoy en día, cuando el acceso a la información está cada vez más presente, hacer que las clases sean interesantes se convierte en un desafío. Por lo tanto, traer contextos al contenido es fundamental para la enseñanza. La narración de historias (*storytelling*) se puede utilizar de varias maneras, ya sea para enseñar el contenido de materias específicas o incluso como una forma de promover la socialización entre los estudiantes. En este contexto, el artículo presenta los resultados de una revisión sistemática de la literatura, en la base de datos Scopus, sobre la narración en la escuela primaria, que verificó la efectividad del uso del *storytelling* en las diversas frentes investigadas, tanto en formato tradicional como digital. Los resultados muestran que este ha sido un tema investigado a nivel internacional, pero con pocas ocurrencias en Brasil, lo que apunta a la importancia de la expansión de las investigaciones acerca de la narración de historias, ya que su práctica contribuye al mejoramiento del aprendizaje en educación, especialmente en educación elemental.

Palabras-clave: cuenta de histórias (*storytelling*); aprendizaje; enseñanza fundamental

Introdução

A aprendizagem, segundo Piaget (1975), ocorre por meio do processo de adaptação, que é composto por assimilação e acomodação. A adaptação dá-se pela constante interação do indivíduo com o meio ambiente, o que resulta em uma mudança contínua. Essa adaptação é o equilíbrio entre a assimilação, que é a apropriação de conhecimento e habilidades, e a acomodação, que opera na reorganização e modificação dos esquemas assimilatórios anteriores, para ajustá-los aos novos conhecimentos e às novas habilidades assimiladas.

A contação de histórias (*storytelling* em inglês) é considerada uma das formas naturais para relatar uma determinada experiência e, portanto, construir sentido sobre informações recebidas e vivências, propiciando a construção de conhecimento. O ato de contar histórias remete a tempos anteriores à escrita, quando todo o saber era transmitido oralmente pelos mais velhos (SANTOS, 2010). As histórias trazem uma visão lúdica a um conteúdo, o que pode ser utilizado de forma favorável, nas salas de aula, possibilitando o entendimento de assuntos abstratos, como a matemática e a física, além de auxiliarem, também, no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Segundo Festas (2015), para que haja o processamento de uma informação e sua transformação em conhecimento, é necessário que essa informação seja armazenada nos sistemas de memória. No processo de aprendizagem, dois são os sistemas de memória ativados: a memória de trabalho, que diz respeito a uma pequena quantidade de informação que pode ser acessada para a resolução de uma tarefa, e a memória de longo prazo. A memória de longo prazo é ilimitada e se estabelece por meio de esquemas, que são estruturas organizadas de pensamento, que agrupam múltiplos elementos de uma situação ou de um acontecimento. Esses esquemas possuem organização similar à de uma história, o que pode ter implicações interessantes para a aprendizagem (FESTAS, 2015).

O desenvolvimento infantil, segundo Piaget (1999), ocorre em quatro fases caracterizadas por formas diferentes de organização mental. Há o período sensório-motor, que ocorre de 0 a 2 anos; o período pré-operatório, de 2 a 7 anos¹; o período operatório concreto, de 7 a 12 anos; e o período operatório formal², de 12 anos em diante. O período operatório concreto coincide com o início da vida escolar e isso ocorre pelos diversos progressos observados nessa fase do desenvolvimento. Nela, a criança consegue tanto se concentrar individualmente quanto trabalhar colaborativamente; aprende a compreender regras e não apenas a imitá-las; há uma diminuição dos impulsos e do egocentrismo; há o início de uma construção do pensamento lógico matemático e da noção de moral (PIAGET, 1999).

Se pensarmos nas estruturas familiares atuais, nas quais a mãe possui um emprego e contribui, ou é a principal responsável (principalmente em família monoparental), pela manutenção financeira da casa, podemos observar que a inserção da criança ao meio escolar, muitas vezes, ocorre cedo, já a partir do primeiro ano de vida, na educação infantil. Além disso, as crianças nascem inseridas no meio digital, com acesso muito rápido a informações, fazendo com que o ensino, baseado no quadro negro e nos livros, torne-se ultrapassado, desinteressante, pouco engajador. Assim, há necessidade crescente de tornar as aulas mais interessantes e os alunos mais engajados.

Segundo Campos (2007), as tecnologias da informação e comunicação (TIC) alteraram as práticas sociais e a relação humana com o saber e o conhecimento, uma vez que facilitaram e aceleraram o acesso à informação. As histórias entretêm e engajam, não só de forma intelectual, mas também

¹ No período sensório motor ocorre o conhecimento do mundo por meio dos sentidos e das atividades motoras. Já o período pré-operatório é marcado pelo desenvolvimento da fala, uso de símbolos e pensamento egocêntrico (PIAGET, 1999)

² Esse período é marcado pelo desenvolvimento do pensamento abstrato – que possibilita especulações, hipóteses e pensamento dedutivo (PIAGET, 1999)

emocionalmente, e tal engajamento deve ser estimulado, desde o início da vida escolar, para que seja construído um vínculo com a escola.

A partir das ideias discutidas acima, este trabalho pretende responder à seguinte questão de pesquisa: Como a contação de histórias pode facilitar a aprendizagem no ensino fundamental? A resposta a tal pergunta advém dos resultados de uma revisão sistemática da literatura sobre a contação de história (*storytelling*) como facilitadora da aprendizagem no ensino fundamental I.

Material e métodos

Para a produção deste artigo, como já referido, foi feita uma revisão sistemática da literatura sobre a contação de histórias como facilitadora na aprendizagem de crianças do ensino fundamental I. A busca foi realizada na base de dados Scopus – uma base internacional e multidisciplinar – por sua relevância no meio acadêmico. Foram utilizados para a pesquisa os termos “contação de história”, “aprendizagem” e “ensino fundamental” e seus equivalentes na língua inglesa: “*storytelling*”, “*learning*” e “*elementary school*” ou “*primary school*”. A base de dados Scielo também foi consultada, por concentrar periódicos da América Latina, incluindo o Brasil. Nesta, porém, não foi encontrado nenhum texto que se encaixasse nos critérios da pesquisa, explicitados a seguir: ser do tipo artigo – por se tratar de um tipo de documento submetido a processos criteriosos de avaliação; e ser publicado entre 2008 e 2018, nas línguas portuguesa ou inglesa. A partir dessa busca, foram localizados 41 artigos.

Após a busca, foi feita a leitura dos títulos e resumos dos artigos, para verificar sua coerência com o tema. Dessa etapa, resultaram 25 artigos que foram lidos integralmente. Durante a leitura, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: artigos que tratavam de ensino de segunda língua (por não focarem no contexto escolar formal); que tratavam o recurso de contação de história apenas de forma tangencial; e que focavam na formação de professores e não dos alunos. Após a aplicação destes critérios, 14 artigos foram selecionados para o presente estudo.

Resultados

No período pesquisado, não foram encontradas publicações nos anos de 2008, 2009 e 2011. Já 2012 foi ano com maior produção, com quatro (04) artigos, seguido por 2017, com três (03) artigos. Em 2013, dois (02) artigos

foram publicados e, em 2010, 2014, 2015, 2016 e 2018, houve uma (01) publicação por ano. No Gráfico 1, pode-se visualizar essa distribuição:

Gráfico 1: Distribuição de artigos por ano de publicação



As pesquisas que embasaram os artigos foram realizadas em diversos países: Itália, Turquia e Reino Unido realizaram duas (02) pesquisas cada e Taiwan, Irã, Estados Unidos, Grécia, Tanzânia, China, Portugal, e Islândia, uma (01) pesquisa cada. Evidencia-se que não havia estudos sobre a área, no Brasil. As variáveis culturais de cada país não foram consideradas para avaliar a efetividade de cada estudo, sendo levada em consideração somente a equivalência das séries escolares com o sistema de organização escolar do Brasil. Porém, as diferenças em termos de cultura puderam ser observadas na leitura dos artigos, principalmente quando se tratava da diferença socioeconômica entre os países e do consequente acesso de suas populações às tecnologias digitais, como computadores em sala de aula para o trabalho com *digital storytelling*.

Os resultados dos estudos podem ser divididos em cinco categorias relativas a temáticas ligadas à contação de história, conforme se observa no Quadro 1. Alguns artigos encaixam-se em mais de uma categoria.

Quadro 1: Categorias dos artigos

Categoria	Artigos
Problemas de aprendizagem	(Ghaderi, F., Yarahmadi, Y., & Ghavami, B., 2017); (Law, Y. K. et al., 2017); (Unnsteinsdóttir, K., 2012)
Disciplinas	(Kokkotas, P., Rizaki, A., & Malamitsa, K., 2010); (Morais, C., 2015); (Zhai, J., & Dillon, J., 2014)

Processos psicológicos	(Hung, C.-M., Hwang, G.-J., & Huang, I., 2012); (Agostini, A., & Biase, E. D., 2012); (Agosto, D. E., 2013); (Keeble, N., & Burton, N., 2013); (Sarica, H. Ç., & Usluel, Y. K., 2016); (Unnsteinsdóttir, K., 2012)
Aprendizagem colaborativa	(Agostini, A., & Biase, E. D., 2012); (Pinto, G., Tarchi, C., & Bigozzi, L., 2016)
Digital Storytelling	(Hung, C.-M., Hwang, G.-J., & Huang, I., 2012); (Agostini, A., & Biase, E. D., 2012); (Karakoyun, F.; Kuzu, A., 2016); (Duveskog, M. et al, 2012); (Sarica, H. Ç., & Usluel, Y. K., 2016)

Fonte: dados da pesquisa (2018)

A primeira categoria (Problemas de aprendizagem) apresenta a contação de histórias aplicada a crianças com dificuldades de aprendizagem. Ghaderi, Yarahmadi e Ghavami (2017) estudaram crianças com dislexia, focando sua pesquisa na memória e nos problemas com leitura. Já Law et al. (2017) trabalharam com crianças com deficiência intelectual e dislexia, em uma perspectiva de inclusão escolar. Unnsteinsdóttir (2012) utilizou o storytelling combinado com a brincadeira, ao trabalhar com crianças com diversos problemas de aprendizagem.

Na segunda categoria (Disciplinas), foram agrupados os estudos que utilizaram a contação de histórias como recurso para aprendizagem em uma disciplina específica. Todos os autores dos artigos encontrados utilizaram as ciências como campo. Kokkotas, Rizaki e Malamitsa (2010) realizaram seu estudo com o ensino de conceitos de eletricidade e eletromagnetismo para crianças, enquanto Zhai e Dillon (2014) focaram no ensino de botânica e Morais (2015) trabalhou com química.

A terceira categoria (Processos psicológicos) agrupa os artigos que tratam do desenvolvimento de processos psicológicos envolvidos na aprendizagem. Hung, Hwang e Huang (2012) trabalharam com a motivação e a capacidade de solução de problemas; Agostini e Biase (2012) também trabalharam com a motivação; Agosto (2013) trabalhou com os aspectos emocionais; Keeble e Burton (2013) estudaram a capacidade de reflexão; Sarica e Usluel (2016) pesquisaram a memória; e Unnsteinsdóttir (2012) trabalhou com a criatividade e o desenvolvimento emocional.

Na quarta categoria (Aprendizagem colaborativa) estão os artigos que exploram a aprendizagem colaborativa e/ou em pares. Nela encontram-se os artigos de Agostini e Biase (2012); e Pinto, Tarchi e Bigozzi (2016).

Já a quinta categoria (Digital storytelling) engloba os artigos nos quais se utilizaram ferramentas digitais como recursos para explorar a contação de

histórias. Nestes, são explorados temas como a Web 2.0 e a aprendizagem por projetos, as crianças como contadoras de histórias e o uso de mídias digitais para o desenvolvimento da escrita. Os artigos que entram nessa categoria são os de Hung, Hwang e Huang (2012); Agostini e Biase (2012); Karakoyun e Kuzu (2016); Duveskog et al. (2012); e Sarica e Usluel (2016).

Discussão

Uma vez categorizadas as publicações levantadas, nesta sessão, as categorias são discutidas de forma mais aprofundada, a seguir, apresentando como cada autor abordou o tema. A maioria dos artigos interrelaciona mais de um tema, por isso, aparece em mais de uma categoria.

a) Problemas de aprendizagem

Problemas de aprendizagem, geralmente, são detectados nos primeiros anos da escola ou, até mesmo, antes disso, quando a criança começa a apresentar alguns sintomas. Muitas crianças enfrentam dificuldades de aprendizagem na escola, o que acaba acarretando no fracasso escolar, embora, na maior parte dos casos, essas crianças possuam níveis de inteligência normal (GHADERI, YARAHMADI & GHAVAMI, 2017).

No trabalho realizado por Ghaderi, Yarahmadi e Ghavami (2017), são estudadas crianças que apresentam dislexia, ou seja, dificuldades de leitura, compreensão e/ou interpretação de textos, apesar de terem um nível de inteligência normal. Para auxiliar nesses casos, métodos e técnicas para aperfeiçoar a memória são muito importantes. É nesse sentido que a prática de contação de histórias se encaixa. A contação de histórias é uma ferramenta que fortalece os sentidos, as faculdades mentais, sociais e o desenvolvimento do processo de aprendizagem, podendo, assim, trazer melhorias em relação aos problemas de memória. Nesse processo, os estudantes, ao entrarem em contato com, por exemplo, um personagem fictício, que é confrontado com um problema e o resolve, podem ser levados a mudanças de atitudes pessoais, por meio da identificação com as características do personagem. As histórias auxiliam na compreensão da informação transmitida, criando uma atmosfera de questionamentos e respostas, ajudando na codificação de seu conteúdo na memória de longo prazo por intermédio do auxílio do contador, que desenvolve a narrativa e estimula a imaginação dos cenários. No referido estudo, foi constatado que a contação de histórias melhorou, significativamente, a memória auditiva em estudantes disléxicos.

Já o estudo de Law et al. (2017) trata de crianças com deficiência intelectual em uma perspectiva de inclusão. Esses estudantes possuem, muitas vezes, dificuldade para manter relações positivas com seus colegas, o que gera rejeição e isolamento. Os autores supracitados apresentam uma lista de cinco condições para um processo efetivo de inclusão, que foi elaborada por Salend (2011, apud LAW et al., 2017):

1. igualdade de acesso para alunos com deficiência a um currículo de educação geral;
2. professores usando práticas inclusivas, que promovem aceitação e igualdade;
3. professores com atitudes positivas em relação aos alunos com deficiência, respeitando as diferenças individuais;
4. estudantes sendo ensinados a respeitar e a valorizar a diversidade, envolvidos em atividades de aprendizagem colaborativa;
5. estabelecimento de uma comunidade de aprendizagem, que enfatiza a aceitação e o pertencimento.

A contação de histórias, nesse contexto, foi utilizada como uma abordagem de persuasão, já que uma história pode despertar emoções e energia nos ouvintes. Quando os alunos associam emoções à aprendizagem, eles obtêm melhor retenção de conteúdos, pois se promove uma identificação com o personagem e uma atitude de reflexão. Nesse estudo, a contação de histórias foi associada a um peça de teatro, em que os protagonistas eram rejeitados e sofriam bullying por suas diferenças. Os resultados do estudo foram positivos e demonstraram uma mudança efetiva no processo de aceitação dos seus colegas com dificuldades de aprendizagem, por parte das crianças.

Unnsteinsdottir (2012) utilizou o *storytelling* com o “brincar na areia”, em sua pesquisa sobre a aprendizagem, autoimagem e bem-estar emocional, em crianças que possuíam dificuldades de aprendizagem, baixa autoestima e problemas emocionais. As crianças eram levadas a brincarem na areia e depois participavam de uma sessão de contação de história. No estudo, foram utilizadas escalas para avaliar a autoimagem e o estado mental dos participantes (*Beck's Youth Inventories of Emotional and Social Impairment e I Think I Am*), para avaliar o nível de atenção (ASEBA) e o nível de inteligência (WISC III e WISC IV), além de observações. Os resultados mostraram uma mudança significativa em relação ao desenvolvimento de diversas habilidades nas crianças. A associação do brincar com a história auxiliou no desenvolvimento da imaginação e criatividade, além de contribuir para a

conexão social entre os estudantes. O estudo mostrou a efetividade de utilizar estes recursos no trabalho com crianças, para auxiliá-las a lidarem com sua autoimagem, sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

b) Processos psicológicos

Na categoria de processos psicológicos, foram agrupados os artigos que utilizaram a contação de histórias em conexão com o desenvolvimento de alguns processos cognitivos, tais como a memória e a criatividade, bem como os que tratam de aspectos emocionais, como a motivação.

O estudo apresentado por Hung, Huang e Hwang (2012) combina uma abordagem de aprendizagem por projetos com a contação de histórias digital, para promover a motivação dos estudantes. A aprendizagem por projetos estimula o contato com um ambiente prático, enquanto a contação de histórias auxilia os estudantes a ficarem envolvidos com a situação de aprendizagem. Os resultados foram obtidos por meio da análise de um grupo experimental em comparação com um grupo controle e mostraram-se positivos para o desempenho dos alunos em termos da motivação para a aprendizagem – mensurada através de escala –, da capacidade de resolução de problemas – mensurada, igualmente, por meio de escala – e do aprendizado de ciências – mensurado por meio de um teste.

Agostini e Biasi (2012) argumentam, em seu artigo, que, na área de neurociências, pode ser observada a importância da contação de histórias no processo de aprendizagem. Segundo os autores, as histórias integram diferentes dimensões da inteligência humana, como a linguística e a das relações interpessoais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades específicas, tais como a de solução de problemas e as literárias. Além disso, é possível aumentar a motivação para a aprendizagem, tornando os tópicos de estudo mais interessantes, promovendo um modo envolvente de engajamento e usando emoções e referências do dia a dia. O processo de criar histórias relacionadas aos conteúdos do ensino primário mostrou resultados positivos no estudo destes autores.

Os benefícios emocionais e sociais na educação, por meio da contação de histórias, são estudados no artigo de Agosto (2013). A autora resgata o significado histórico do ato de contar histórias e traz o fato de, nos dias atuais, a atividade ser utilizada, em grande parte, para o entretenimento. São citados os benefícios educacionais envolvidos na contação de histórias encontrados na literatura, a saber:

1. utilização da imaginação para criar imagens mentais da história;

2. desenvolvimento da comunicação oral, por ouvir novas palavras, frases e ideias;
3. refinamento das habilidades de discriminação auditiva;
4. fortalecimento das habilidades de pensamento crítico;
5. crescimento das habilidades criativas;
6. expansão das habilidades de escuta ativa;
7. fortalecimento das habilidades de sequenciamento;
8. distinção entre realidade e fantasia;
9. construção de autoconfiança;
10. crescimento do amor por livros e literatura.

Como resultado de seu estudo, a autora afirma que a contação de histórias promove engajamento na aprendizagem, expressão da criatividade, habilidade de promover pensamento crítico, além de sentimentos de felicidade e relaxamento. Ela ressalta a importância de estimular a participação das crianças na história, por meio de perguntas. Keeble e Burton (2012) já haviam chegado a conclusões parecidas em seu estudo, que trata dos benefícios emocionais da contação de histórias, apontando que a história explora a criatividade, a imaginação e a capacidade de visualização, além de conectar o contador ao espectador. Os autores supracitados afirmam que a prática estimula o engajamento e a aprendizagem significativa, apontando, também, a importância do estímulo à reflexividade no processo. Unnsteinsdottir (2012) afirma que a contação de histórias facilita o desenvolvimento emocional das crianças, estimulando a criatividade, as habilidades cognitivas, as habilidades narrativas e a capacidade de conexão social.

Os benefícios das histórias para a memória visual são discutidos no texto de Sarica e Usluel (2015). As autoras fizeram um experimento sobre a relação entre contação de histórias e aperfeiçoamento da memória visual e das habilidades de escrita. O resultado da pesquisa revelou que não houve diferença estatística significativa de melhora na memória visual entre os grupos experimental e de controle, mas houve diferença significativa com relação às habilidades de escrita.

c) Disciplinas

As histórias também foram pesquisadas como ferramentas para auxiliar em algumas disciplinas. Nos estudos encontrados, elas foram associadas ao ensino de ciências, com conteúdos relacionados à química, física e biologia.

Kokkotas, Rizaki e Malamitsa (2010) pesquisaram a efetividade da contação de histórias no ensino de ciências, focando nos temas de eletricidade

e eletromagnetismo. Os autores veem a contação de histórias como um recurso que contribui para humanizar o ensino, melhorar o clima nas salas de aula de ciências e desenvolver atitudes positivas em relação à aprendizagem científica. Eles acreditam que a prática ajuda a desenvolver um entendimento romântico (que vincula o conhecimento a ser transmitido com seu contexto e sua aplicação, trazendo-lhe sentido), ao invés de um entendimento puramente conceitual, porque histórias fazem estudantes experimentarem curiosidade e mistério. Esse entendimento romântico pode resultar em desenvolvimento cognitivo por meio da inspiração.

Zhai e Dillon (2014) contribuem com o assunto em sua pesquisa sobre contação de histórias e ensino de botânica. Eles afirmam que o ensino de ciências a crianças constitui uma tarefa complexa e desafiadora e que o uso da contação de histórias e de metáforas, durante as instruções, ajuda os estudantes a construir ideias científicas. Os resultados de sua pesquisa mostram grande potencial no uso de histórias como suporte na comunicação científica.

Outro foco foi o ensino de química, que costuma gerar uma visão negativa – denominada de “Chemophobia” (fobia de química, em tradução livre), por Morais (2015). A autora traz o ensino de química e de outras ciências como uma forma de construir conhecimento e entendimento de mundo. Por meio da contação de histórias, é possível ajudar os estudantes a perceberem a relação que existe entre atividades práticas e fenômenos. Isso porque a história captura a atenção, o interesse e a imaginação do ouvinte. A pesquisadora ressalta que a literatura sobre contação de história e aprendizagem aponta que, para que esta seja mais interessante, faz-se necessário oferecer oportunidades para que os alunos façam observações, perguntas e, a partir delas, cheguem às suas próprias conclusões.

d) Aprendizagem colaborativa

O uso de histórias para o desenvolvimento de habilidades sociais, aprendizagem por pares e colaborativa também foi explorado por pesquisadores. Eles trazem a importância de se estimular esse tipo de contexto colaborativo, não só para a aprendizagem, especificamente, mas para o desenvolvimento da criança de forma geral.

Apesar dos avanços tecnológicos e do maior acesso à informação, na atualidade, no Brasil, o ensino ainda é muito focado na figura do professor (ARAUJO & MAZUR, 2013). Entretanto, os estudantes também são capazes de criar ideias, conceitos e conhecimentos entre si. A transmissão do conhecimento não é unidirecional: do professor para o aluno. Nas teorias

socioculturais, a interação social, o diálogo e o compartilhamento entre os alunos são fundamentais para a aprendizagem. Partindo desse aporte teórico, Agostini e Biasi (2012) realizaram um estudo utilizando uma forma colaborativa de construção de história, em um meio digital. Os autores obtiveram resultados positivos com relação ao aumento da participação dos alunos nas aulas e consideram que o uso da tecnologia e a didática colaborativa dialogaram bem, durante a pesquisa, e se complementaram durante o processo.

Já Pinto, Tarchi e Bigozzi (2016) pesquisaram a teoria da mente, que é caracterizada pelas habilidades das crianças reconhecerem emoções, distinguirem estados físicos e mentais, entenderem que desejos e crenças influenciam no comportamento e compreenderem que as pessoas podem apresentar diferentes estados mentais. Segundo a literatura revisada pelos autores, a conversa interna da criança é um indicador do seu nível de teoria da mente. As narrativas representam um contexto importante para analisar a capacidade de conversa interna da criança. Mas os autores afirmam que criar um ambiente de contação de histórias baseado na aprendizagem por pares não significa, necessariamente, que os estudantes irão se engajar em aprendizagem colaborativa. Seu estudo demonstrou que os pares foram mais benéficos para as crianças com nível menor de diálogos internos e que as narrativas ativaram a teoria da mente nessas crianças, fazendo com que elas conseguissem compreender as intenções dos protagonistas e antecipar ações subsequentes dos mesmos. Eles consideram que a aprendizagem por pares pode ser um sucesso quando vista como uma ferramenta reflexiva para explorar os significados de uma história.

e) Digital storytelling

Dos artigos estudados, cinco (05) apresentavam estudos utilizando ferramentas digitais em conjunto com a contação de histórias. Com o avanço da tecnologia e das mídias digitais, essas ferramentas têm sido cada vez mais pesquisadas como aliadas nos processos de ensino-aprendizagem.

Agostini e Biasi (2012) afirmam que as ferramentas de ensino usuais foram projetadas para os nascidos no século XX. Os estudantes dos dias atuais são nascidos na era digital e, por isso, uma mudança radical nessas ferramentas de ensino é necessária. Esses estudantes sentem-se confortáveis com tecnologias e estão acostumados a se comunicarem, simultaneamente, por várias plataformas; eles constroem seu conhecimento não só por meio da família e da escola, mas, também, por meio de filmes, desenhos, televisão e a internet é um lugar que reúne todas essas fontes de informação. Utilizar a facilidade digital em conjunto com as histórias auxilia a promover a

aprendizagem de uma forma mais efetiva do que a que ocorre por meio de métodos analógicos. No formato digital, é possível incorporar imagens, vídeos e textos na prática narrativa, tornando a aprendizagem mais divertida do que quando se utiliza somente o papel.

Na pesquisa de Hung, Huang e Hwang (2012), são utilizadas ferramentas de contação de histórias digitais em conjunto com a aprendizagem por projetos. Os autores apontam que o digital storytelling é uma abordagem efetiva para ajudar os estudantes a coletarem informações, criarem novas ideias e organizarem seus conhecimentos. Na pesquisa, foram feitas entrevistas com estudantes do quinto ano do ensino fundamental, que afirmaram considerar que a combinação da aprendizagem baseada em projetos com o digital storytelling é uma forma mais efetiva de aprender.

Duveskog et al. (2012) abordam a perspectiva das crianças como contadoras de história, com o auxílio de ferramentas digitais, que podem tornar as histórias mais versáteis e estimulantes, em comparação com as ferramentas analógicas, pois permitem o uso de áudios, imagens, textos, animações e elementos de jogos. Por meio destas ferramentas, estudantes podem personalizar suas experiências e, além disso, desenvolver suas habilidades no uso do computador. Os pesquisadores acreditam que o uso delas, para a contação de histórias, amplifica as vantagens, já conhecidas, desta prática em relação à aprendizagem.

Envolver tecnologias, ao invés de utilizar técnicas comuns de ensino, deixa os estudantes mais entusiasmados, além de transformá-los em participantes ativos da construção do conhecimento, tirando-os da passividade tradicional. Isso foi o que constataram Karakoyun e Kuzu (2016), em seu estudo. Eles concluíram que utilizar um ambiente online para a contação de história engajou a atenção dos alunos e promoveu a comunicação entre os pares. Na atividade proposta, eles deveriam montar um cenário, criar uma ferramenta de feedback para receber contribuições dos colegas e compartilhar sua história em um *website*. Os professores perceberam melhorias nas habilidades criativas e na prática do uso de mídias e tecnologia, por parte das crianças.

Sarica e Usluel (2016), em seu estudo do efeito da contação de histórias sobre a memória visual, utilizaram aplicativos de desenho para que os estudantes montassem suas histórias. Eles afirmam que, por intermédio do meio digital, os estudantes conseguem aprender a escrever uma boa história, aliando arte ao texto.

Conclusão

As pesquisas demonstram que o storytelling pode ser utilizado de diversas formas para auxiliar na aprendizagem. Utilizar histórias, na sala de aula, resultou em maior engajamento dos alunos, melhoras nas relações entre eles e no desenvolvimento, principalmente, daqueles com algum problema de aprendizagem.

Diferentes perspectivas de uso da contação de histórias puderam ser observadas. O tema foi pesquisado em relação ao desenvolvimento de habilidades específicas, como memória e criatividade, mas, também, direcionado a disciplinas, em especial, àquelas relacionadas ao campo das ciências, que é uma área que costuma apresentar certa resistência e consequente desmotivação nos alunos. Em todas as áreas pesquisadas, os resultados foram significativos e positivos, conforme se constata no Quadro 2.

Quadro 2: Relação entre problemas percebidos e resultados obtidos em cada categoria de análise

Categoria	Foco	Resultado obtido
Problemas de aprendizagem	1. Dislexia 2. Inclusão de alunos com deficiência intelectual 3. Dificuldades de aprendizagem ligadas à autoestima e problemas emocionais	1. Melhora na memória auditiva 2. Abordagem de persuasão, despertando sentimentos ligados à empatia 3. Desenvolvimento da imaginação e criatividade, além de fortalecimento de laços sociais
Processos psicológicos	4. Falta de motivação 5. Outros processos	4. Maior envolvimento com o processo de aprendizagem 5. Aumento da criatividade, do engajamento e da imaginação
Disciplinas	6. Física 7. Botânica 8. Química	6. Entendimento além do conceitual, pois a história desperta curiosidade nas crianças 7. O uso de metáforas ajudou os estudantes a construir ideias científicas 8. Ajudou na percepção da relação entre atividades práticas e fenômenos
Aprendizagem colaborativa	9. Aprendizagem centrada na	9. Aumento da participação

	figura do professor 10. Teoria da mente: pouco diálogo interno	na sala de aula 10. Ativação de estados mentais; história como ferramenta reflexiva
Digital storytelling	11. Ensino e aprendizagem de crianças nascidas no meio digital 12. Excesso de regras, competitividade e necessidade de recompensas nas atividades por projeto 13. Passividade no processo de aprendizagem 14. Memória visual	11. Incorporação de imagens, vídeos e textos na narrativa, tornando a aprendizagem mais divertida. 12. Coleta de informações, criação de ideias e compartilhamento de informações na rede 13. Estudantes mais empolgados e participativos 14. Aliou-se imagem ao texto, ajudando no desenvolvimento.

Fonte: dados da pesquisa (2018)

As categorias de análise mostraram-se abrangentes em relação aos desafios encontrados na escola, principalmente, as que se relacionam a problemas de aprendizagem (e inclusão) e ao estudo em disciplinas específicas. Os processos psicológicos funcionam como um pano de fundo para o desenvolvimento e a aprendizagem, enquanto a aprendizagem colaborativa e o uso de recursos digitais (*Digital Storytelling*) atuam como ferramentas no processo.

Segundo o levantamento realizado, o uso do storytelling nas escolas ainda é pouco pesquisado no continente americano. Foi encontrado somente um (01) estudo realizado nos Estados Unidos e nenhum no Brasil. Pelos resultados positivos evidenciados nas pesquisas revisadas, nos outros continentes, o storytelling mostra ser uma ferramenta relevante a ser utilizada no contexto escolar.

Nesta revisão, não foram consideradas as variáveis culturais de cada país pesquisado – considerando que elas também não se destacavam como variáveis nas pesquisas examinadas. Porém, estas ficam evidentes na leitura dos artigos, principalmente, se considerarmos diferenças de classes sociais e de acesso à tecnologia entre os países. Essas são variáveis importantes para serem aprofundadas, uma vez que o acesso facilitado à informação é considerado como justificativa para a pesquisa, mas não faz parte da realidade de todos os países e, talvez, nem do Brasil, em sua totalidade. Sendo assim, pode-se concluir que há importância em realizar esses estudos em nosso país e verificar a validade e efetividade da contação de histórias, a partir das nossas

variáveis culturais, o que se espera possa contribuir para o desenvolvimento da educação.

Referências

AGOSTINI, Alessandra; BIASI, Elisa Di. Large multi-touch screens to enhance collaboration in the classroom of the 21st century: an Italian experiment. *Interaction Design and Architecture(s) Journal*, Roma, v. 15, p.40-56, dez. 2012. Disponível em:

http://www.mifav.uniroma2.it/inevent/events/idea2010/doc/15_4.pdf Acesso em: ago. 2018.

AGOSTO, Denise E. If I had three wishes: the educational and social/emotional benefits of oral storytelling. *Storytelling, Self, Society*, v. 9, n. 1, p.53-76, jan. 2013. Wayne State University Press. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.13110/storselfsoci.9.1.0053>. Acesso em: ago. 2018.

ARAUJO, Ives S.; MAZUR, Eric. Instrução pelos colegas e ensino sob medida: uma proposta para o engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de Física. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 30, n. 2, p. 362-384, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2013v30n2p362> Acesso em: mai. 2021.

CAMPOS, Simone Ballmann de. O impacto das tecnologias no cotidiano escolar: um saber necessário na educação contemporânea. *Percursos*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.77-86, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1515/1279>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DUVESTOG, Marcus et al. Life planning by digital storytelling in a primary school in rural Tanzania. *Educational Technology & Society*, Athabasca, v. 15, n. 4, p.225-237, mar. 2012. Disponível em: <http://www.vida.ca/wp-content/uploads/2015/08/Life-Planning-by-Digital-Storytelling-in-a-Primary-School-in-Rural-Tanzania1.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

FESTAS, Maria Isabel Ferraz. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. 3, p.713-727, set. 2015. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201507128518>. Acesso em: ago. 2018.

GHADERI, Fatemeh; YARAHMADI, Yahya; GHAVAMI, Badriyeh. The effectiveness of storytelling on improving auditory memory of students with reading disabilities in Marivan city. *International Journal of Pediatrics*, n.8, p.5515-5524, maio 2017. Mashhad University of Medical Sciences. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22038/ijp.2017.23877.2019>. Acesso em: ago. 2018.

HUNG, Chun-ming; HWANG, Gwo-jen; HUANG, Iwen. A project-based digital storytelling approach for improving students' learning motivation, problem-solving competence and learning achievement. *Educational Technology and Society*, v. 15, n. 4, p.368-379, jan. 2012. Disponível em: http://www.ifets.info/journals/15_4/31.pdf. Acesso em: ago. 2018.

KARAKOYUN, Ferit; KUZU, Abdullah. The investigation of preservice teachers' and primary school students' views about online digital storytelling. *European Journal of Contemporary Education*, v. 15, n. 1, p.51-64, 12 mar. 2016. Academic Publishing House Researcher. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13187/ejced.2016.15.51>. Acesso em: ago. 2018.

KEEBLE, Natalie; BURTON, Neil. Can reflective storytelling be a significant educational pedagogy in Key Stage 2? *Education*, v. 41, n. 1, p.5-14, fev. 2013. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03004279.2012.710094>. Acesso em: ago. 2018.

KOKKOTAS, Panos; RIZAKI, Aikaterini; MALAMITSA, Katerina. Storytelling as a strategy for understanding concepts of electricity and electromagnetism. *Interchange*, v. 41, n. 4, p.379-405, out. 2010. Springer Nature. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10780-010-9137-9>. Acesso em: ago. 2018.

LAW, Yin-kum et al. Enhancing peer acceptance of children with learning difficulties: classroom goal orientation and effects of a storytelling programme with drama techniques. *Educational Psychology*, v. 37, n. 5, p.537-549, 29 jul. 2016. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01443410.2016.1214685>. Acesso em: ago. 2018.

MORAIS, Carla. Storytelling with Chemistry and related hands-on activities: informal learning experiences to prevent “chemophobia” and promote young children’s scientific literacy. *Journal of Chemical Education*, v. 92, n. 1, p.58-65, 22 out. 2015 American Chemical Society (ACS). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1021/ed5002416>. Acesso em: ago. 2018.

PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 392 p.
PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 154 p.

PINTO, Giuliana; TARCHI, Christian; BIGOZZI, Lucia. Peer interaction does not always improve children’s mental state talk production in oral narratives: a study in 6- to 10 Year-Old Italian children. *Frontiers in Psychology*, Florença, v. 7, n. 1669, p.1-13, 25 out. 2016. Frontiers Media SA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01669>. Acesso em: ago. 2018.

SANTOS, Neide Medeiros. Contar histórias: uma arte milenar. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, p.101-104, dez. 2010.

SARICA, Hatice Çıralı; USLU, Yasemin Koçak. The effect of digital storytelling on visual memory and writing skills. *Computers & Education*, v. 94, n. 0, p.298-309, mar. 2016. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.compedu.2015.11.016>. Acesso em: ago. 2018.

UNNSTEINSDÓTTIR, Kristín. The influence of sandplay and imaginative storytelling on children's learning and emotional-behavioral development in an Icelandic primary school. *The Arts in Psychotherapy*, v. 39, n. 4, p.328-332, set. 2012. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aip.2012.05.004>. Acesso em: ago. 2018.

ZHAI, Junqing; DILLON, Justin. Communicating science to students: investigating professional botanic garden educators' talk during guided school visits. *Journal of Research in Science Teaching*, v. 51, n. 4, p.407-429, 30 jan. 2014. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/tea.21143>. Acesso em: ago. 2018.

Recebido em: 20.04.2019

Aceito em: 09.04.2021

Maria Lúcia Wilwert

Mestre em Mídias do Conhecimento no Programa Interdisciplinar de Engenharia e Gestão do Conhecimento e graduada em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Acessibilidade Digital e Tecnologias Assistivas. Áreas de interesse: contação de história, narrativa, mídia e educação, psicologia da aprendizagem. Contato: wilwertm@gmail.com

Luciane Maria Fadel

Doutora pela University of Reading/UK e professora na área de Mídias do Conhecimento no programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, na Universidade Federal de Santa Catarina. Colidera o Grupo de Pesquisa Núcleo de Acessibilidade Digital e Tecnologias Assistivas e participa do Grupo de Estudo de Ambiente Hipermedia voltado ao processo de Ensino-Aprendizagem e do Grupo SAITE - Tecnologia e Inovação em Educação na Saúde, da Universidade Federal do Maranhão. Áreas de interesse: poéticas das mídias digitais, contação de história, narrativas, gamificação, interação humano-computador e interface. Contato: luciane.fadel@ufsc.br

Cristiano José Castro de Almeida Cunha

Doutor em Administração de Empresas - Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aachen, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, graduado em Engenharia Geológica pela Universidade Federal de Ouro Preto e professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Laboratório de Liderança & Gestão Responsável (LGR), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Áreas de interesse: liderança, aprendizagem de executivos, reestruturação e estratégias organizacionais.

Contato: 01cunha@gmail.com

Solange Maria da Silva

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professora do Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGTIC/UFSC). Membro dos Grupos de Pesquisa: LGR (Laboratório de Liderança e Gestão Responsável) e ENGIN (Núcleo de Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento para a Inovação), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Áreas de interesse: liderança, gestão do conhecimento, educação corporativa, gestão estratégica e inovação. Contato: solange.silva@ufsc.br